



Oficinas terapêuticas na saúde mental no contexto de pandemia da COVID-19

Therapeutic workshops in mental health in the context of the COVID-19 pandemic

Talleres terapéuticos en salud mental en el contexto de pandemia de COVID-19

Juliana dos Santos Gomes¹
Rafael Wolski de Oliveira²

¹ Especialista em Saúde Mental pela Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA.

<https://orcid.org/0000-0002-0029-6046>
<http://lattes.cnpq.br/2311243895558615>
juliana-ju-gomes@hotmail.com

² Doutor e mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS. Docente do curso de Graduação em Psicologia e do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos.

<https://orcid.org/0000-0003-4234-1455>
<http://lattes.cnpq.br/8912443435823080>
rwolski@unisinos.br

RESUMO

A pandemia da COVID-19 impactou abruptamente a humanidade, tornou-se uma emergência sanitária e, além disso, vem contribuindo para o agravamento de crises econômicas, sociais e psíquicas. Nesse contexto, evidencia-se a necessidade do cuidado com a saúde mental das populações. Esse cuidado pode ser materializado de diferentes formas, uma delas é por meio das Oficinas Terapêuticas ocorridas nos Centros de Atenção Psicossociais (CAPS).

Objetivo: Identificar os possíveis novos formatos de realização das oficinas em um cenário pandêmico no CAPS II Centro (Porto Alegre/RS), bem como, a percepção dos usuários sobre elas. **Método:** Pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com a utilização da análise de conteúdo para a obtenção dos resultados. **Resultados:** Observou-se que, na instituição onde a pesquisa foi realizada, todos os entrevistados tiveram acesso às Oficinas Terapêuticas durante a pandemia da COVID-19; entretanto, esse acesso se deu pela modalidade *online*.

Conclusão: A partir da coleta de dados, foi compreendido que as Oficinas Terapêuticas possuem grande relevância na vida dos usuários, representam cuidado, contato, afeto e aprendizagens e, assim, contribuem para a promoção da saúde mental. Também, que sua realização de maneira remota não foi considerada ideal, mas foi entendida como o possível diante dessa grande crise sanitária.

Palavras-chave: pandemia; COVID-19; oficinas terapêuticas; saúde mental.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has abruptly impacted humanity, has become a health emergency, and, in addition, has contributed to the worsening of economic, social, and psychological crises. In this context, the need to care for the mental health of populations is evident. This care can be materialized in different ways. One is through the Therapeutic Workshops in the Psychosocial Care Centers (CAPS). **Objective:** To identify the possible new formats for holding workshops in a pandemic scenario at CAPS II Centro (Porto Alegre/RS) and the users' perception of them. **Method:** Qualitative, exploratory research using content analysis to obtain the results. **Results:** It was observed that, in the institution where the research was conducted, all respondents had access to Therapeutic Workshops during the COVID-19 pandemic; however, this access was online. **Conclusion:** From the data collection, it was understood that the Therapeutic Workshops have great relevance in users' lives, represent care, contact, affection, and learning, and, thus, contribute to promoting mental health. Also, its remote realization was not considered ideal but was understood as possible in the face of this great health crisis.

Keywords: pandemic; COVID-19; therapeutic workshops; mental health.

RESUMEN

La pandemia de COVID-19 impactó abruptamente a la humanidad, volviéndose una emergencia sanitaria y, además, contribuyó al recrudecimiento de la crisis económica, social y psicológica. En ese contexto, se hace evidente la necesidad del cuidado con la salud mental

de la población. Ese cuidado puede ser materializado de diferentes formas, una de ellas es por medio de los Talleres Terapéuticos realizados en los Centros de Atención Psicosociales (CAPS). **Objetivo:** Identificar los posibles nuevos formatos de realización de los talleres en un escenario de pandemia en el CAPS II Centro (Porto Alegre/RS), así como, la percepción de los usuarios sobre ellos. **Método:** Investigación cualitativa, de carácter exploratorio, con la utilización del análisis de contenido para la obtención de los resultados. **Resultados:** Se observó que, en la institución donde la investigación fue realizada, todos los entrevistados tuvieron acceso a los Talleres Terapéuticos durante la pandemia de COVID-19; sin embargo, ese acceso se dio por la modalidad *online*. **Conclusión:** A partir de la obtención de datos, se comprendió que los Talleres Terapéuticos poseen gran relevancia en la vida de los usuarios, representan cuidado, contacto, afecto y aprendizajes y, así, contribuyen a la promoción de la salud mental. También, que su realización de manera remota no fue considerada ideal, pero fue entendida como lo posible ante esa gran crisis sanitaria.

Palabras-clave: pandemia; COVID-19; talleres terapéuticos; salud mental.

INTRODUÇÃO

Contextualizar a pandemia da COVID-19 se faz necessário, a fim de possibilitar a compreensão sobre a relevância deste estudo. Essa crise sanitária assolou mundialmente populações, pois, além de situações clínicas a partir do contágio com o vírus, que em muitos casos resultam em óbito, desencadeou problemas psíquicos, sociais, culturais, econômicos, entre outros.

A COVID-19 tem intrínseca relação com o coronavírus. Este foi identificado, inicialmente, em 1937, mas, nos anos 2002 e 2003, foi classificado como uma epidemia causadora de uma síndrome respiratória aguda grave (SARS) em seres humanos. Naquele contexto, a epidemia causava infecções severas no sistema respiratório; entretanto, rapidamente pôde ser controlada e afetou somente países da América do Norte e da Ásia (BRITO *et al.*, 2020).

O novo coronavírus foi denominado SARS-CoV-2, ou COVID-19, e causa uma doença infectocontagiosa que tem como principal característica sua grande disseminação e propagação de caráter internacional (BRITO *et al.*, 2020). O primeiro registro de caso ocorreu em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China. Apesar de sua origem desconhecida, os coronavírus podem ser encontrados em homens e em diferentes animais (BRASIL. Ministério da Saúde, 2021b).

De acordo com dados da Universidade Johns Hopkins (COVID-19, 2022), até o dia 28 de janeiro de 2022, foi confirmado o exacerbado número de 371.651.638 casos da doença em diferentes países pelo mundo. O Brasil, por sua vez, segundo a Organização Mundial da Saúde (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2022), nesta mesma data, encontrava-se em 3º lugar no ranking relativo ao número de casos e em 2º lugar em relação ao número de óbitos.

O primeiro caso de COVID-19 confirmado no Brasil foi em 26 de fevereiro de 2020, foi o de um homem que recém havia retornado de viagem à Itália; ele era idoso e habitante de São Paulo, capital, onde recebeu tal diagnóstico (OLIVEIRA *et al.*, 2020). A partir desse fato até a data de 29 de janeiro de 2022, o país contabilizou 25.214.622 casos da doença e 626.524 óbitos (BRASIL. Ministério da Saúde, 2022b).

Estudos apontam que esses números dramáticos são inerentes às estratégias de enfrentamento à pandemia adotadas pelos governos no país. Exemplo disso são as inúmeras falas oriundas do Governo



Federal que desqualificam o isolamento social, medida que, em outros países, impediu taxas de maior proliferação do vírus (CAMPOS, 2020).

A COVID-19 pode comprometer, significativamente, o sistema respiratório, principalmente os pulmões, ocasionando, nos casos mais graves, intensa falta de ar. Além desse sintoma, outros também são observados, tais como: febre, tosse seca, fadiga, escarro, mialgia e artralgia. Sobre a transmissão, foi identificado que ocorre através de gotículas de saliva e, portanto, de pessoa para pessoa (FERRARI, 2020).

Em março de 2020, a OMS declarou a doença como pandemia; junto a isso, indicou medidas de prevenção para o enfrentamento da situação. A higienização das mãos, seja com água e sabão, seja com álcool em gel 70%; etiquetas respiratórias, como cobrir com lenço ou antebraço o rosto ao tossir ou espirrar; o uso de máscaras; e o distanciamento social se tornaram indispensáveis para a prevenção da doença. (OLIVEIRA; LUCAS; IQUIAPAIZA, 2020).

Quanto ao tratamento, até o momento se dá a partir da aplicação de planos terapêuticos que visam ao enfrentamento dos sintomas da COVID-19 (BÚ *et al.*, 2020). Desse modo, muitos são os estudos que vêm sendo desenvolvidos na busca por medicamentos que combatam a doença. Até o presente momento, seis medicamentos receberam o registro sanitário da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e tiveram sua aprovação para uso em caráter emergencial. São eles: Rendesivir, Casirivimabe + Imdevimabe, Banlanivimabe + Etesevimabe, Regkirona (Regdanvimabe), Sotrovimabe e Baricitinibe (BRASIL. Ministério da Saúde, 2022c).

O avanço no que tange à imunização por vacinas tem ocorrido em todo o planeta. No Brasil, até a data de 29 de janeiro de 2022, quatro vacinas estavam sendo aplicadas. A Coronavac foi desenvolvida pelo Instituto Butantan em parceria com a Sinovac; sua aplicação ocorre em duas doses com intervalos de 2 a 4 semanas e a eficácia comprovada foi de 92% quando administrada em um intervalo de 14 dias e 97% quando o intervalo se estende por 28 dias. A eficácia dessa vacina, em se tratando de pacientes que necessitaram de atendimento ambulatorial ou hospitalar, foi de 77,96%, não havendo registro de casos graves (BRASIL. Ministério da Saúde, 2021c).

A Oxford/AstraZeneca, desenvolvida com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), administrada em duas doses. Inicialmente, o intervalo entre as aplicações era de aproximadamente 12 semanas; posteriormente o prazo entre as doses foi reavaliado, passando de 12 para 8 semanas. Após 28 dias da primeira dose, seu desempenho foi de 98% de eficácia e, após 28 dias da segunda dose, a porcentagem aumentou para 99%. Esses resultados da Oxford/AstraZeneca correspondem a testes em paciente sem comorbidades (BRASIL. Ministério da Saúde, 2021c). A Pfizer/BioNTech era administrada em duas doses, com intervalo de, no mínimo, 3 semanas entre as doses; porém, visando à imunização de mais pessoas, no Brasil foi adotado o prazo de 8 semanas entre as doses, garantindo um maior número de pessoas com a primeira dose. Sua eficácia equivale a 95% considerando o prazo de 7 dias após a aplicação da segunda dose; antes da segunda dose, considerando um prazo de 14 dias da



aplicação da primeira, a eficácia foi de 92,6% (BRASIL. Ministério da Saúde, 2021c). Em relação à Janssen, administrada em dose única, foi identificada uma eficácia global de 66,3% após 14 dias de sua aplicação (BRASIL. Ministério da Saúde, 2021c).

Em janeiro de 2022, o público infantil foi incluído na campanha de vacinação contra a COVID-19. Em se tratando do público infantil, a vacina Comirnaty passou a ser indicada para crianças com idade entre 5 e 11 anos (BRASIL. Ministério da Saúde, 2021a), e entre 6 e 17 anos, o imunizante indicado foi a Coronavac (BRASIL. Ministério da Saúde, 2022a).

Em relação à saúde mental das nações, um cenário pandêmico que engloba, principalmente, o distanciamento social é propício para o sofrimento psíquico ou o agravamento de transtornos mentais. Tal distanciamento impacta os indivíduos, pois o acesso às redes de pertencimento e proteção, como família, amigos e trabalho, torna-se restrito e, assim, prejudicado. Essa situação pode também acarretar sintomas como ansiedade, insônia e outros (NABUCO; OLIVEIRA; AFONSO, 2020). Desse modo, a OMS elencou como prioridade, entre os serviços essenciais no enfrentamento de questões de saúde relacionadas à pandemia, os serviços que atendem à saúde mental, como a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), no caso brasileiro (BARBOSA *et al.*, 2020).

Vale salientar que é a Lei 10.216 de 6 de abril de 2001 que determina o cuidado em saúde mental. Conforme consta: “Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental” (BRASIL, 2001). Já a Portaria 3.088, de 23 de dezembro de 2011, corresponde à elaboração da RAPS, o seu artigo 1º indica sua finalidade: “a criação, ampliação e articulação de pontos de atenção à saúde para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)” (BRASIL. Ministério da Saúde, 2011).

Os Centros de Atenção Psicossociais (CAPS) são um exemplo de serviço da RAPS; eles acolhem demandas de pessoas com algum tipo de sofrimento psíquico, prezam pela reabilitação psicossocial, fornecendo alternativas às internações, e também objetivam a inclusão social e o exercício de cidadania (RAMMINGER; BRITO, 2011).

É previsto que, durante a pandemia, ocorra um aumento do adoecimento psíquico da população, pela necessidade de isolamento, distanciamento social, entre outros. Assim, ações no território e outras estratégias de cuidado possibilitadas pela RAPS são imprescindíveis para a promoção de saúde (GARRIDO; RODRIGUES, 2020).

As atividades dos CAPS se atrelam ao cuidado realizado junto ao território em que os usuários estão inseridos e também junto a suas famílias, com o objetivo de desenvolver vínculos, oportunizar acolhimento, inclusão, participação e escuta. Esses dispositivos tornaram-se essenciais para a reabilitação psicossocial justamente por suas diferentes possibilidades de cuidado (MIELKE *et al.*, 2011).

Nesse sentido, cabe situar os leitores conceituando território e, a partir disso, possibilitar que



compreendam sua importância e se aproximem dos diferentes significados da vida na cidade para os usuários da saúde mental. Quanto a isso, Guattari e Rolnik (1996, p. 323) contribuem:

[...] o território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.

Além disso, os CAPS também são os dispositivos da RAPS que, de maneira geral, ofertam as Oficinas Terapêuticas, sobre as quais este projeto se propôs a debruçar-se. Conforme a Portaria 336, de 19 de fevereiro de 2002, independentemente de suas modalidades, os CAPS devem ofertar atendimentos individuais, grupais, oficinas terapêuticas, visitas domiciliares, atendimento às famílias e atividades comunitárias (BRASIL. Ministério da Saúde, 2002).

As Oficinas Terapêuticas, de acordo com Azevedo e Miranda (2011), possuem vínculo específico com a criatividade dos sujeitos envolvidos. Também atuam na expressão da subjetividade e no fortalecimento da autoestima, ocorrendo de maneira geral em espaços coletivos. Assim, elas representam um papel importante no cuidado em Saúde Mental.

O apoio junto a literatura foi necessário para a compreensão das novas formas de realização das oficinas terapêuticas. A partir disso, entendeu-se que a utilização de meios digitais foi o principal recurso para continuidade do cuidado.

Fialho *et al.* (2020) contribuem compartilhando a experiência vivenciada a partir da “Oficina Show de Talentos Online”, desenvolvida de forma gratuita, com encontros quinzenais, através da plataforma Zoom, como forma de enfrentamento a solidão durante o isolamento social. Seu objetivo era proporcionar aos participantes a demonstração de habilidades, fosse com instrumentos musicais, construção de brinquedos ou outros, situação que viabilizava a interação e expressão de sentimentos. Com este estudo, os autores referem que conseguiram promover interação entre os envolvidos e consolidar laços. (FIALHO *et al.*, 2021). Os autores não mencionaram dificuldades em relação a utilização de meios digitais.

Os autores Barbosa *et al.* (2020, p. 16) possibilitam o acesso a uma reflexão importante frente ao uso de tecnologias:

ressignificou-se o termo tecnologia ao ir além do simples instrumento aparelho para a tecnologia de cuidado relacional, uma vez que o contato telefônico passou a marcar a força do vínculo, do papel protagonista do usuário no seu cuidado e do poder que as relações têm para a produção de cuidado em saúde mental.

Apesar disso, Longoni, Silva e Ceron (2022), apresentam um contraponto em relação aos meios digitais, pois após realização de pesquisa, identificaram baixa adesão às atividades realizadas remotamente, em razão de situações de vulnerabilidade social em que muitos dos usuários se



encontram, em muitos casos não possuindo acesso a ferramentas digitais.

A literatura pouco explora a questão da inclusão digital dos usuários da saúde mental, entretanto, os autores Pereira Neto *et al.* (2020) reforçam essa importância. Entre outras coisas, para eles a inclusão digital se atrela a um movimento emancipatório, de inclusão social, protagonismo e desconstrução de estigmas.

Outro ponto de atenção, é a impessoalidade das interações remotas considerada por alguns autores como característica dos ambientes virtuais. Quanto a isso, Souza Netto, Fogaça e Garcel (2020 *apud* VERAS, 2020, p. 34) refletem da seguinte maneira: “a comunicação online, por vezes, é vista como impessoal, com lacunas de interação humana é incapaz de deixar claro pistas não-verbais tais como a variação de tom de voz e linguagem corporal dos participantes”.

Considerando que o objetivo deste estudo foi identificar as possíveis novas formas de realização das Oficinas Terapêuticas no CAPS II Centro (Porto Alegre/RS), bem como, a percepção dos sujeitos sobre elas, as vivências dos usuários servirão como resposta as potencialidades e dificuldades que os referenciais teóricos abordam.

MÉTODOS

Nos anos 2020, 2021 e 2022, novas modalidades de atendimento em grupo ganharam forma, e as Oficinas Terapêuticas em plataformas virtuais passaram a ocorrer em diversos serviços de Saúde Mental.

Assim, o CAPS II Centro foi escolhido para a realização desta pesquisa, este localiza-se no município de Porto Alegre/RS, e foi cenário de prática do primeiro ano da residência multiprofissional em Saúde Mental, especialização realizada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), entre os anos de 2020 e 2021, e concluída com a apresentação deste artigo. No CAPS II Centro a modalidade online assistiu cerca de 45% dos usuários do serviço pesquisado e envolveu a equipe multiprofissional e os residentes que lá estavam.

Optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, pela compreensão de que tal método melhor contemplaria os objetivos do trabalho.

A pesquisa qualitativa foi entendida como a mais adequada, pois conforme Silva *et al.* (2018, p.21), na abordagem qualitativa: “os elementos em estudo são os discursos, e seus instrumentos são a análise e a interpretação da linguagem”. Deste modo, o método possibilitou a aproximação com a realidade vivenciada pelos usuários durante a pandemia da COVID-19, em relação as Oficinas Terapêuticas.

O caráter exploratório auxiliou para uma melhor compreensão de como as Oficinas Terapêuticas podem ocorrer, e serem percebidas pelos usuários. Neste sentido, Gil (2002, p.41) contribui afirmando: “as pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, inclui levantamento bibliográfico e



entrevistas”.

No mês de outubro de 2021 foi dado início a coleta de dados, que contou com o total de cinco usuários que preenchiam os critérios de assiduidade, acompanhamento por pelo menos um ano junto ao serviço, interesse pela pesquisa, Oficinas Terapêuticas em seu Projeto Terapêutico Singular (PTS) e alfabetização, elencados para a participação.

A pesquisadora, que também foi a única entrevistadora, se utilizou da entrevista semiestruturada. A partir disso, foi possível acessar os sentimentos dos usuários, as dificuldades e as potencialidades das Oficinas Terapêuticas no contexto de pandemia da COVID-19. Foi utilizado um questionário com 5 questões que abordavam as experiências dos usuários com as Oficinas Terapêuticas, anterior e durante a pandemia da COVID-19. O tempo de realização variou de sujeito para sujeito, mas foi disponibilizado a cada um uma hora de entrevista.

A análise de conteúdo foi escolhida como método para a avaliação dos dados da pesquisa, pois dialoga com a proposta da pesquisa qualitativa e com a entrevista semiestruturada. Para embasar tal ideia, utilizou-se da compreensão de Silva e Fossá (2015, p. 2) sobre a análise de conteúdo: “é uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. Na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos discursos”.

Esta pesquisa considerou aspectos éticos de estudos que envolvem seres humanos conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (BRASIL, 2016). O projeto foi previamente aprovado pelos Comitês de Ética em Pesquisa da Unisinos como instituição proponente e da Prefeitura Municipal de Porto Alegre enquanto instituição coparticipante. Os usuários que concordaram em participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

A devolutiva dos resultados ocorreu para o serviço no qual o estudo foi desenvolvido e, também, foi solicitado ao serviço o encaminhamento para os participantes, para o Conselho Municipal de Saúde e para a Secretaria Municipal de Saúde (SMS). Foi elaborada uma carta que constava quantas e quais foram as novas formas de oferta e realização das Oficinas Terapêuticas durante a pandemia da COVID-19; quantos dos usuários conseguiram acessar tais atividades; as dificuldades e potencialidades evidenciadas na fala de cada entrevistado; e, por fim, a subjetividade da pesquisadora sobre como foi o processo de levantamento de dados e compreensão da realidade. Os participantes foram cientificados sobre essa devolutiva antes de iniciarmos a coleta de dados.

Diante do exposto, foram elencadas categorias e, a partir da análise de conteúdo, chegou-se aos resultados e à discussão que sustentam a relevância deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do presente trabalho foram alcançados a partir da análise das categorias



(“oficinas terapêuticas e o uso da tecnologia como ferramenta de cuidado” e “a cidade como território terapêutico”), identificadas durante a realização das entrevistas. Essas temáticas apareceram por diversas vezes no relato dos usuários e, assim, tornaram-se indispensáveis para a construção e a conclusão deste artigo.

Oficinas terapêuticas e o uso da tecnologia como ferramenta de cuidado

Como visto no decorrer deste artigo, as atividades desenvolvidas nos CAPS ampliam consideravelmente as possibilidades de cuidado em saúde mental de seus usuários, e as Oficinas Terapêuticas contribuem para a concretização desse cuidado.

As Oficinas Terapêuticas foram instauradas ainda no início do funcionamento do CAPS II pesquisado, entretanto não foi possível a pesquisadora vivenciá-las de forma presencial, considerando as determinações de isolamento e distanciamento social.

Os usuários entrevistados rememoraram a Oficina de Música, o Cine Cais, a Assembleia, o Grupo de Caminhada, o Atelier de Escrita, a Oficina de Bonecos e Outras Histórias e verbalizaram saudades e afetos pelas construções que faziam nesses espaços. Cabe então apresentar o relato de uma das entrevistadas sobre o significado da realização dessas atividades de maneira presencial: “O presencial era muito bom, a gente conseguia expressar os sentimentos, vivíamos um momento de união, era uma interação saudável e todo mundo ficava contente” (Usuária W).

As autoras Ferreira e Carvalho (2018) legitimam a fala da usuária afirmando que as Oficinas Terapêuticas favorecem encontros de vida. A partir delas, os sujeitos passam a compreender sobre cidadania e seu exercício de forma coletiva, a liberdade, a expressão e a comunicação ganham ênfase, e habilidades, sejam corporais, sejam manuais ou artísticas, passam a ser desenvolvidas.

Com o início da pandemia da COVID-19 no Brasil, em março de 2020, essas atividades foram interrompidas em diversos serviços, incluindo o serviço pesquisado. O monitoramento telefônico foi utilizado como recurso para atendimentos de pacientes considerados mais organizados, e somente foram mantidos os atendimentos individuais presenciais para os casos considerados mais graves.

Durante a entrevista, uma das participantes lembrou-se exatamente do momento citado e verbalizou: “No início, eu fiquei sem atividade, me senti insegura em não saber como seria o amanhã, o sentimento era de perda” (Usuária G).

Ornell *et al.* (2020, p. 3) dialogam com os sentimentos apresentados pela participante e consideram que: “a pandemia da COVID-19 tem implicações para outras esferas: organização familiar, fechamento de escolas, empresas e locais públicos, mudanças nas rotinas de trabalho, isolamento, levando a sentimentos de desamparo e abandono”.

Para o atendimento de um maior número de usuários, a equipe precisou reorganizar-se. Em um primeiro momento, tal ideia gerou resistência, principalmente por parte dos usuários, já que as plataformas digitais não eram familiares para a maior parte dos envolvidos.



Também, foi identificado que a resistência de alguns dos entrevistados tinha intrínseca relação com os estigmas atribuídos aos usuários da saúde mental quanto ao uso da tecnologia. Discursos arraigados de autoestigmas compuseram as entrevistas; em contrapartida, relatos e expressões de satisfação e orgulho pela aproximação com os meios digitais também se fizeram presentes.

O usuário P exemplifica a situação com a seguinte afirmativa: “Demorei bastante pra aceitar, acreditar nessa coisa online, ‘aí não, é muito estranho’, mas basta participar pra se sentir incluído, pensava que o virtual não era coisa pra mim, agora vejo que posso”.

O usuário A, em sua fala, compactua com o pensamento do entrevistado P e se utiliza da seguinte frase: “Computador é difícil pra quem tem problema, eu já sabia mexer, mas não tinha necessidade, hoje com a pandemia é uma necessidade, a gente tem é que agradecer de poder fazer”.

A usuária G, por sua vez, vibrou com as potencialidades desses encontros em sua vida e mencionou: “O online é maravilhoso, inclui a gente num mundo que era bastante distante, é bom fazer parte disso como os ‘normais’”.

No que se refere aos estigmas, os autores Corrigan e Watson (2002 *apud* SOARES *et al.*, 2011) refletem sobre a existência de dois tipos: o estigma público, relacionado às concepções da sociedade sobre determinados sujeitos, seja por características pessoais, seja por características físicas (esse tipo de estigma coloca os sujeitos em um lugar de depreciação); e o autoestigma, que diz respeito ao sujeito estigmatizado que passa a acreditar em estereótipos negativos e a aplica-los em sua vida.

Apesar dos desafios impostos, a reorganização da equipe ocorreu, e as Oficinas Terapêuticas (Atelier de Escrita, Oficina de Música, Oficina de Convivência, Assembleia, Grupo GAM – Gestão Autônoma de Medicamentos) e a Oficina de Bonecos foram escolhidas para a retomada de maneira online. Essa escolha se deu porque os participantes que naquele momento tinham acesso às tecnologias já eram integrantes dessas oficinas antes da pandemia.

A pesquisadora teve a oportunidade de participar semanalmente das oficinas de música e convivência online via plataforma virtual Google Meet. A oficina de música foi uma atividade que acolheu muitos usuários, muitos dos que já participavam de forma presencial e novos que demonstravam interesse, e recebiam indicação de seu terapeuta de referência. Essa Oficina Terapêutica era coordenada por um membro da equipe técnica e por 2 residentes, uma das residentes tocava violão e cantava, os usuários podiam escolher ou não músicas, cantá-las, ou apenas ouvi-las.

A partir da observação e participação da pesquisadora, pode-se constatar que esta oficina era muito desejada pela liberdade da participação, pois tanto era possível estar presente sem interagir, como interagir de muitas maneiras.

A oficina de convivência se organizava a cada encontro, contava com o auxílio de 2 residentes, mas eram os usuários quem definiam qual a atividade a ser realizada no dia. Elas variavam entre conversas sobre a rotina de cada um, jogos, ou ainda assistir vídeos de música e outros, juntos, através da plataforma.



Em ambas as oficinas se notavam dificuldades no que se referiam à utilização do microfone e câmera, alguns usuários não interagiam, outros demonstravam maior domínio sobre a plataforma e aparentavam maior conforto para a interação.

Parte dos entrevistados evidenciou em suas falas a sensação de distância e impessoalidade que sentia ao participar de grupos online, o que desencadeou respostas como: “Eu não sei se o online é melhor ou pior, ele é limitado, a gente não pode dançar, por exemplo,” (Usuário P); “Me dá um desconforto por não estar junto, é artificial, uma sensação estranha, gostaria que fosse de perto” (Usuária W); “É que no presencial as coisas ficam mais interiorizadas, é mais humano, no virtual falta o contato físico que é essencial pra ficar completo” (Usuária W).

Em cada relato realizado pelos entrevistados, as potencialidades e as dificuldades no uso das ferramentas digitais para a realização das Oficinas Terapêuticas foram evidenciadas. O que também se apresenta de maneira unânime é a importância da realização dessas atividades, independentemente da sua modalidade de execução. Uma das falas que comprovam a afirmativa foi a da Usuária W, que encerrou sua participação na pesquisa dizendo: “O que eu sei é que o online é muito melhor do que não ter nada, eu tô tentando porque o CAPS é onde eu não preciso ser internada” (Usuária W).

Essa narrativa da Usuária W se destacou em meio a tantas outras, pois se relaciona com os objetivos dos CAPS, já vistos ao longo desta pesquisa, e possibilita aos leitores dimensionar o significado e a necessidade das Oficinas Terapêuticas na vida de diferentes usuários da saúde mental. Permite, também, refletir que existem formas de minimizar os impactos negativos causados pela pandemia da COVID-19 e, a partir disso, os sentimentos de esperança e união podem ser fortalecidos.

A cidade como território terapêutico

Durante a coleta de dados, em diferentes falas, foi manifestado pelos sujeitos o quão relevante é para as suas existências a possibilidade de serem reconhecidos e se reconhecerem como cidadãos que ocupam a cidade. O sorriso que o usuário P expressou enquanto acessava suas memórias e fazia o seu relato sobre a sua experiência com as Oficinas Terapêuticas realizadas no território evidencia tal afirmativa: “A gente fazia muitos passeios pela cidade, a gente ia na redenção, era muito bom, sinto saudades”.

Anteriormente à pandemia da COVID-19, o CAPS II pesquisado ofertava aos seus usuários a Oficina de Caminhada, realizada nas imediações do serviço, com o objetivo de proporcionar movimento aos corpos e, também, vivências para além da estrutura física daquele serviço. Durante a entrevista, a usuária G recordou-se dessa oficina e citou: “Tinha o grupo de caminhada, a gente ia na Redenção, sabe que a Redenção é um ponto turístico daqui né?! Eu ia caminhando e olhando as coisas, às vezes cansava”.

Com o início da pandemia da COVID-19 e, por consequência, com a realização das Oficinas Terapêuticas de maneira online, as vivências dos usuários em seus territórios tornaram-se restritas,



o que para muitos deles significou tristeza e angústia. A expressão corporal, a entonação da voz e o relato do Usuário A quanto a isso foi um dos momentos marcantes no decorrer da coleta de dados. Segundo ele: “É muito ruim não circular pela cidade, antes a gente ia em museu e cinema, a gente aprendia a conviver com as pessoas ao nosso redor”.

Assim, pode-se perceber que experimentar a vida na cidade, mesmo que somente durante o trajeto realizado entre a casa do usuário e o CAPS, também é importante, faz parte de um processo terapêutico e compõe a realização da oficina. Essa reflexão muito se conecta a outra fala do usuário A: “Gosto de vir até o CAPS, caminhar na rua, ver as coisas e as pessoas, no online acabo não saindo de casa, é só aquilo ali”.

Pelo exposto, é possível concluir que, no serviço pesquisado, se tem consolidado a importância e a eficácia para o cuidado dos usuários, a realização das Oficinas Terapêuticas em meio ao território. Entretanto, é inegável que a suspensão dessas atividades, a partir da pandemia da COVID-19, limitou esse cuidado e, de acordo com as manifestações dos entrevistados, deverão ser retomadas imediatamente após o momento pandêmico, fortalecendo antigos e, possivelmente, novos planos terapêuticos dos usuários atendidos no CAPS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática desta pesquisa, a partir da imersão social em um contexto de pandemia, suscitou a reflexão de quatro principais aspectos. São eles: a vulnerabilidade humana diante das grandes crises; a necessidade e a importância do cuidado em liberdade, pautado a partir dos princípios da Reforma Psiquiátrica; a capacidade humana de se reinventar; e a relevância da aproximação dos usuários da saúde mental com as plataformas digitais.

No decorrer deste trabalho tornou-se claro o despreparo e, por consequência, o desespero da humanidade ao deparar-se com a crise sanitária da COVID-19; o mundo sentiu e sente insegurança, medo. Sofreu e sofre com as perdas, independentemente de seu acesso à tecnologia e à ciência. Ainda, a parcela da população mundial que enfrenta vulnerabilidades econômicas, sociais e psíquicas vem experienciando a pandemia da COVID-19 de maneira mais agravada.

Nesse sentido, pensar no cuidado em saúde mental pelo viés da Reforma Psiquiátrica durante a pandemia pode parecer limitado; por isso, o trabalho das equipes dos serviços de saúde necessita de reinvenção, visando a garantir aos usuários, mesmo que minimamente, direitos como a participação social. No serviço pesquisado, as dificuldades foram enfrentadas e alternativas foram encontradas para que, mesmo durante a pandemia, a instituição pudesse seguir ofertando um atendimento de qualidade aos seus usuários.

Nem todos os usuários foram contemplados com a modalidade online. O distanciamento social, o não acesso aos meios digitais e a dificuldade da própria equipe com as ferramentas foram fatores de dificuldade. Porém, realizar as Oficinas Terapêuticas de maneira online significou também a



diminuição da distância entre as pessoas, permitindo a inclusão, a participação social e o aprendizado em relação ao uso dos meios digitais por todos os envolvidos.

Como visto, a pandemia limitou os passeios, visitas domiciliares, a circulação pela cidade, o contato físico e desencadeou inúmeros sentimentos negativos, mas, durante a coleta de dados, identificou-se que os aspectos negativos elencados foram de fato causados pela pandemia, e não pelo uso da tecnologia. Ao contrário, mesmo os usuários que criticaram essa modalidade de realização das Oficinas Terapêuticas fizeram questão de ressaltar que pior seria se nenhuma alternativa tivesse sido encontrada.

Já os usuários que se adaptaram às ferramentas digitais verbalizaram alegria em vivenciar experiências em âmbito digital. Mencionaram que seguem considerando o contato físico indispensável, mas referiram ser importante aprender algo novo em um contexto de tanta tristeza e perdas.

Por fim, acredita-se que, posteriormente à pandemia, caberá às equipes seguir aperfeiçoando-se para ofertar as mais diversas e melhores possibilidades aos usuários dos serviços. As educações permanentes parecem uma alternativa para que tais mudanças possam ser efetivadas. Também, por todo o relato dos usuários, ao menos no CAPS pesquisado, não parece mais viável a exclusão das Oficinas Terapêuticas em plataformas digitais. Elas poderão ser adaptadas e incluídas aos planos terapêuticos quando as atividades forem “normalizadas”, por uma compreensão de que são também interessantes, e não mais como única alternativa de cuidado.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, D. M.; MIRANDA, F. A. N. Oficinas terapêuticas como instrumentos para recuperação psicossocial: percepção de familiares. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 339-345, abr./jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/KyzjNqgnCN9cFrL5dNStkRS/?lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- BARBOSA, A. S. *et al.* Processo de trabalho e cuidado em saúde mental no Centro de Atenção Psicossocial da UERJ na pandemia de COVID-19. *BJHBS*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 11-19, 2020. Disponível em: <http://www.ppc.uerj.br/wp-content/uploads/2021/10/Cuidados-CAPS-UERJ-durante-pandemia-COVD-19.pdf>. Acesso em: 9 maio 2021.
- BRASIL. *Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001*. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, DF: Presidência da República, 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/10216.htm. Acesso em: 19 jun. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Aprovada ampliação de uso da CoronaVac para crianças e adolescentes de 6 a 17 anos*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022a. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2022/aprovada-ampliacao-de-uso-da-vacina-coronavac-para-criancas-de-6-a-17-anos>. Acesso em: 29 jan. 2022.



BRASIL. Ministério da Saúde. *COVID-19 Painel Coronavírus*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022b. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Medicamentos aprovados para tratamento da Covid-19*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022c. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/paf/coronavirus/medicamentos>. Acesso em: 21 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Anvisa aprova vacina da Pfizer contra Covid para crianças de 5 a 11 anos*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021a. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2021/anvisa-aprova-vacina-da-pfizer-contracovid-para-criancas-de-5-a-11-anos>. Acesso em: 2 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. *O que é a COVID-19*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021b. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em 25 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação Contra a Covid-19*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021c. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/guias-e-planos/plano-nacional-de-vacinacao-covid-19>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html. Acesso em: 19 jun. 2021.

BRITO, S. B. P. *et al.* Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. *Revista Visa em Debate Sociedade, Ciência e Tecnologia*, Rio de Janeiro, n. 8, v. 2, p. 54-63, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22239/2317-269X.01531>. Disponível em: <https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1531>. Acesso em: 25 abr. 2021.

CAMPOS, G. W. S. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. e00279111, 2020. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00279. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/sQgGPbjSPqPSqYnsZxWvxwf/?lang=pt>. Acesso em: 23 maio 2021.

COVID-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering at Johns Hopkins University. Baltimore: CSSE, 2022. Disponível em: <https://www.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BÚ, E. A. *et al.* Representações e ancoragens sociais do novo coronavírus e do tratamento da COVID-19 por brasileiros. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, p. e200073, 2020. DOI:



10.1590/1982-0275202037e200073. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/43925>. Acesso em: 16 nov. 2021.

FERRARI, F. COVID-19: dados atualizados e sua relação com o sistema cardiovascular. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, Porto Alegre, v. 114, n. 5, p. 823-826, 2020. DOI: <https://doi.org/10.36660/abc.20200215>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abc/a/TkxNRNcrXLxdmGBX5YqjFMF/?lang=pt>. Acesso em: 2 maio. 2021.

FERREIRA, K. F.; CARVALHO, V. C. S. Oficinas terapêuticas: caminhos de saber. *Revista da Faculdade de Ciências Médica de Sorocaba*, Sorocaba, v. 20, n. 2, p. 82-85, 2018. DOI: <https://doi.org/10.23925/1984-4840.2018v20i2a5>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/32995/pdf>. Acesso em: 2 nov. 2021.

FIALHO, A. W. C. *et al.* Relato da experiência acadêmica: “Oficina Show de Talentos Online” no Projeto Equo Atendimento Comunitário e Espaço Acadêmico em parceria com o núcleo de estágio em Saúde Mental Infanto-Juvenil do curso de Psicologia da Universidade de Vassouras. *Revista Fluminense de Extensão Universitária*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 19-23, jan./jun. 2021. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RFEU/article/view/2750>. Acesso em: 1 dez. 2022.

GARRIDO, R. G.; RODRIGUES, R. C. Restrição de contato social e saúde mental na pandemia: possíveis impactos das condicionantes sociais. *Journal of Health & Biological Sciences*, Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 1-9, 2020. DOI: 10.12662/2317-3325jhbs.v8i1.3325.p1-9.2020. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/07/1102826/3325-11970-1-pb.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2021.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

LONGONI, N.; SILVA, F. M.; CERON, L. B. Dificuldades de sustentar a lógica de atenção psicossocial em pandemia. *Revista Científica de Enfermagem*, São Paulo, v. 12, n. 38, p. 393-399, 2022. Disponível em: <https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/610>. Acesso em: 1 dez. 2022.

MIELKE, F. B. *et al.* Características do cuidado em saúde mental em um CAPS na perspectiva dos profissionais. *Trabalho Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9 n. 2, p. 265-276, jul./out. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/RmX8NhhTyjnFfqZVMC8DMqf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2021.

NABUCO, G.; OLIVEIRA, M. H. P. P.; AFONSO, M. P. D. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde? *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 42, p. 2532, 2020. DOI: [https://doi.org/10.5712/rbmfc15\(42\)2532](https://doi.org/10.5712/rbmfc15(42)2532). Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2532>. Acesso em: 9 maio 2021.



PEREIRA NETO, A. *et al.* Eu quero entrar na rede: análise de uma experiência de inclusão digital com usuários do Caps. *Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 44, n. e3, p. 58-69, out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E307>. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/sdeb/2020.v44nspe3/58-69/pt>. Acesso em: 10 nov. 2021.

OLIVEIRA, A. C.; LUCAS, T. C.; IQUIAPAZA, R. A. O que a pandemia da Covid-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução? *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 29, p. e20200106, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0106>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/N6kBMkqhckvLxwWDWydHPj/?lang=pt>. Acesso em: 2 maio 2021.

OLIVEIRA, W. K. *et al.* Como o Brasil pode deter a COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, DF, v. 29, n. 2, p. e2020044, 2020. DOI: 10.5123/S1679-49742020000200023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/KYNshrcc8MdQcZHgZzVChKd/?lang=pt#:~:text=O%20pa%C3%ADs%20enfrenta%20n%C3%A3o%20somente,para%20a%20evolu%C3%A7%C3%A3o%20da%20epidemia..> Acesso em: 23 maio 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Painel do Coronavírus da OMS (COVID-19)*. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 29 jan. 2022.

ORNELL, F. *et al.* Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. *Revista Debates in Psychiatry*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 12-17, 2020. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/arquivos/pandemia-de-medo-e-covid-19-impacto-na-saude-mental-e-possiveis-estrategias>. Acesso em: 5 nov. 2021.

RAMMINGER, T.; BRITO, J. C. “Cada Caps é um Caps”: uma coanálise dos recursos, meios e normas presentes nas atividades dos trabalhadores de saúde mental. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 150-160, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000400018>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v23nspe/a18v23nspe.pdf>. Acesso em: 9 maio 2021.

SILVA, A.; FOSSÁ, M. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para a análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, João Pessoa, v. 17, n. 1, 2015. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>. Acesso em: 30 jun. 2021.

SILVA, R. M. *et al.* Estudos qualitativos: enfoques 15 teóricos e técnicas de coletas de informações. *Sobral: Edições UVA*, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/julia/Downloads/Experiencias%20qualitativas%20ebook%20\(vers%C3%A3o%20final\).pdf](file:///C:/Users/julia/Downloads/Experiencias%20qualitativas%20ebook%20(vers%C3%A3o%20final).pdf). Acesso em: 21 jun. 2021.

SOARES, R. G. *et al.* A mensuração do estigma internalizado: revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 4, p. 635-645, out./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/ptHf84SR3LXpNXXqX586xvG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2021.

VERAS, D. V. *Meios de resolução online de conflitos como alternativas eficientes de acesso à*



justiça: perspectivas sobre sua aplicação em tempos de pandemia. 2020. Monografia (Graduação em Direito) – Curso de Direito, Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco, São Luís, 2020. Disponível em: <http://repositorio.undb.edu.br/bitstream/areas/394/1/DIEGO%20VIANA%20VERAS.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2021.

Editor responsável: Daniel Demétrio Faustino-Silva

Recebido em 15 de Julho de 2022.

Aceito em 20 de Janeiro de 2023.

Publicado em 20 de Julho de 2023.

Como referenciar este artigo (ABNT):

GOMES, Juliana dos Santos; OLIVEIRA, Rafael Wolski. Oficinas terapêuticas na saúde mental no contexto de pandemia da COVID-19. *Cadernos de Ensino e Pesquisa em Saúde*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, 2023.

